

**Ricardo Vieira**  
**José Carlos Marques**  
**Pedro Silva**  
**Ana Maria Vieira**  
**Cristóvão Margarido**  
(Orgs.)

**MIGRAÇÕES, MINORIAS  
ÉTNICAS, POLÍTICAS SOCIAIS  
E (TRANS)FORMAÇÕES.**

**Mediação Intercultural  
e Intervenção Social**

**Título:** Migrações, Minorias Étnicas, Políticas Sociais e (Trans)Formações.  
Mediação Intercultural e Intervenção Social

**Organizadores:** Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido

© 2020, Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido e Edições Afrontamento

**Capa:** Edições Afrontamento / Departamento gráfico

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt) / [comercial@edicoesafrontamento.pt](mailto:comercial@edicoesafrontamento.pt)

**ISBN:** 978-972-36-\_\_

**Colecção:** Textos/ \_\_

**Depósito legal:** \_\_

**N.º edição:** \_\_

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[Comercial@companhiadasartes.pt](mailto:Comercial@companhiadasartes.pt)

Novembro de 2020

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais  
CICS.NOVA.IPLLeiria



**POLITÉCNICO  
DE LEIRIA**  
ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIAS SOCIAIS

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

# Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<i>Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
<b>Capítulo 1</b>	
Imigração portuguesa, políticas sociais e mediação intercultural .....	15
<i>José Carlos Marques, Ana Maria Vieira e Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 2</b> – Da investigação à intervenção com ciganos e da empatia com uma comunidade .....	33
<i>Abílio Amiguinho</i>	
<b>Capítulo 3</b> – «Era uma vez... ou sou do tempo em que...».....	45
<i>Mirna Montenegro</i>	
<b>Capítulo 4</b> – Portugueses ciganos: exclusão social ou não-integração? .....	49
<i>Maria José Casa-Nova</i>	
<b>Capítulo 5</b> – A mediação com as comunidades ciganas.....	71
<i>Bruno Gonçalves</i>	
<b>Capítulo 6</b> – Dos projetos de mediação e intervenção comunitária à articulação com o ensino superior .....	77
<i>Cristóvão Margarido</i>	
<b>Capítulo 7</b> – Da coexistência à convivência em Madrid: os casos de Tetuán e Lavapiés	89
<i>José Carlos Machado e Ricardo Vieira</i>	

## CAPÍTULO 9

# UMA ETNOBIOGRAFIA DOCENTE EMANCIPACIONISTA: MEDIÇÃO INTERCULTURAL E RELAÇÕES ÉTNICO- -RACIAIS NUM CONTEXTO FORMACIONAL

Sílvia Michele Macedo de Sá  
Ricardo Vieira

### 1. INTRODUÇÃO

O texto em pauta e a investigação<sup>64</sup> que o referenciou tiveram como objetivos analisar compreensivamente e partilhar a itinerância etnobiográfica etnoaprendente de uma docente, a Professora Brasília, diretora e professora da Escola São Roque. Esta instituição educacional está localizada na Ilha do Paty, uma comunidade negra do Recôncavo do Estado da Bahia, no Brasil. Neste estudo etnobiográfico, explicitado no texto em questão, tivemos como intento salientar as potencialidades emancipacionistas aprendentes desta educadora, uma mulher negra de origem humilde. Ao longo da sua história de vida, assim como das suas experiências formacionais ampliadas em suas atividades como professora, esta mediadora intercultural tem promovido (trans)formações em sua comunidade e contexto de trabalho que apresentam expressivas singularidades étnico-raciais e culturais (Vieira, A. e Vieira, R., 2016b). Entendemos, com esta pesquisa, que as experiências etnobiográficas educacionais de professores/líderes em comunidades tradicionais, suas estratégias didáticas, curriculares e mediadoras podem colaborar de maneira fecunda com o campo da formação de professores (Vieira, A. e Vieira, R., 2016 a) para o acolhimento e diálogo com a diversidade étnico-racial e cultural (Vieira, 2014).

---

<sup>(64)</sup> A investigação em pauta fez parte do Projeto Pós-Doutoral e do seu Plano de Trabalho, intitulados «Etnobiografias e suas etnoaprendizagens: itinerâncias formativas emancipacionistas docentes em comunidades tradicionais do Recôncavo Baiano». Esta pesquisa foi supervisionada pelo Prof. Doutor Ricardo Vieira (Professor Coordenador Principal da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – ESECS), no âmbito do Polo do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa – CICS.NOVA, do Instituto Politécnico de Leiria – IPLeia.

## 2. A ILHA DO PATY, O RECÔNCAVO BAIANO E A ESCOLA SÃO ROQUE: SINGULARIDADES CONTEXTUAIS E ÉTNICO-RACIAIS

Um provável quilombo, uma comunidade negra rural litorânea, lar de pescadores e marisqueiras, um contexto de beleza natural e biomas exuberantes, situado em um dos braços de mar calmos da Baía de Todos os Santos – tantas vezes narrada por suas singularidades poéticas e culturais por romancistas e músicos, como Jorge Amado, Castro Alves, Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Gilberto Gil – rodeada pela Mata Atlântica, no município de São Francisco do Conde, Recôncavo do Estado da Bahia, Brasil, está situada a Ilha do Paty e, nesta, a Escola São Roque, o território educacional em que a professora Brasília trabalha, a docente que singularizou a nossa pesquisa etnobiográfica.

Ao argumentarem sobre a natureza e constituição dos quilombos, de acordo com estudiosos do campo das relações étnico-raciais como Munanga, Nascimento, Moura,

Os quilombos nos remetem a vários tempos e espaços históricos: em primeiro lugar, à África do século XVII. A palavra quilombo é originária da língua banto umbundo, que diz respeito a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, mais especificamente na área formada pela atual República Democrática do Congo (Zaire) e Angola (Munanga, 1996, p.58). (...) As comunidades quilombolas contemporâneas (Moura, 1996) recebem várias denominações, tais como terras de pretos, mocambos e comunidades negras rurais. Num processo de mobilização, todas estas nomenclaturas convergiram para o termo quilombo ou comunidade quilombola. [...] Do final do século XIX até quase ao final da segunda metade do século XX, os quilombos foram tratados na historiografia e na educação brasileiras como se restringindo a ‘redutos de escravos fugitivos’ e a experiências do período escravista. No entanto, por todo o país, agrupamentos negros rurais, suburbanos e urbanos, se constituíram não somente como fuga ou resistência direta ao sistema vigente, mas como uma ‘busca espacial’ (Nascimento, 1989), em uma perspectiva dinâmica, na construção de um território que é social e histórico, através da manutenção e reprodução de um modo de vida culturalmente próprio. (Ministério da Educação/SECAD, 2006, p. 140-144).

A Ilha do Paty, *locus* da nossa investigação no Recôncavo do Estado da Bahia, composta por uma comunidade negra, pequena e tradicional, como já salientamos anteriormente, não tem mais que duzentos moradores. Estes têm muitos laços de parentesco comuns, marcadas relações étnico-raciais, culturais e de solidariedade. Os seus habitantes, assim como são acolhedores com as visitas,

também são desconfiados e reservados. Mesmo estando próximo da capital do Estado da Bahia, a cidade de Salvador, e de outros centros urbanos do interior do Estado, com os quais os fluxos socioculturais e económicos são mantidos, Paty é reconhecido pelos outros moradores do município de São Francisco do Conde, ao qual pertence, como uma comunidade muito singular, com um contexto ambiental, expressões culturais, sociabilidades, temporalidades e valores étnicos muito próprios. Provavelmente, por conta dos laços de parentesco e do certo isolamento geográfico, os fenótipos dos seus indivíduos são também bem marcados.

Por tal conjunto de singularidades, em contraste com os demais indivíduos e culturas de São Francisco do Conde, a Ilha do Paty é considerada por muitos como um quilombo, nas suas diferenças, mesmo com as dinâmicas das suas zonas fronteiriças socioculturais, mesmo os seus habitantes não se autodefinindo como quilombolas. Neste sentido, referenciamos, na investigação, o nosso olhar compreensivo, interpretativo, pela perspectiva de «fronteiras» de Barth (2000). Entendemos que a cultura não é estática e que as fronteiras culturais e étnico-raciais podem seguir mesmo com as dinâmicas pessoais e os seus fluxos de vida. Compreendemos, assim, que as singularidades da Ilha do Paty do Recôncavo Baiano, nas interações dentro do seu sistema e com outros sistemas, não foram destruídas (Vieira, A., Marques, Gomes e Vieira, R., 2018) «[...] pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e a interdependência entre etnias». (Barth, 2000, p. 26).

O Recôncavo do Estado da Bahia, numa perspectiva mais ampla, é um contexto histórico e sociocultural referencial para constituição do Estado e a formação do povo brasileiro, pois este se configurou em um núcleo central para o processo inicial da colonização do Brasil. Foi um território de confluência, neste período conturbado, pontuado por um grande desenvolvimento económico, assim como por relações de exploração, genocídios e epistemicídios de nativos e africanos, de diferentes etnias. Assim, as suas populações e culturas foram sendo compostas, recriadas e mesmo ressurgidas em meio a relações étnico-raciais e socioculturais conflituosas, mas, também, dinamizadas por processos de simbioses e resistências, como observamos na Ilha do Paty.

Atualmente, o Recôncavo detém uma expressiva diversidade étnico-racial e cultural, resultante do contexto de gestação explicitado acima. As diferenças das suas comunidades tradicionais (quilombolas, pesqueiras, ribeirinhas e camponesas), das suas desafiadoras experiências educacionais, assim como das vivências formativas das suas lideranças, configuram conhecimentos educacionais fundantes para a manutenção e o fortalecimento das identidades étnico-raciais, relações socioculturais e interculturais do seu próprio território, assim como da nação brasileira.

Na Ilha do Paty, do Recôncavo Baiano, a Escola São Roque é única instituição educacional e maior estrutura imobiliária da mesma. Este *locus* é considerado pelos moradores do Paty um núcleo de confluência, socialização e solidariedade. Tal status de referência educacional, sociocultural e territorial para a comunidade do Paty foi conferido à escola, especialmente por causa das atividades de acolhimento, integração e mediação promovidas pela Professora Brasília, diretora e docente mais antiga da Escola São Roque. Neste centro educacional, há 38 anos, a Professora Brasília iniciou a sua carreira profissional como professora e, afirma enfaticamente, é onde pretende concluí-la.

### **3. ETNOBIOGRAFIA DA PROFESSORA BRASÍLIA: ITINERÂNCIAS APRENDENTES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS EMANCIPACIONISTAS**

Com os «barulhinhos da maré» [expressão local] ao fundo e os afagos das brisas do litoral do Recôncavo Baiano, na Escola São Roque, valorizando a potência formativa do encontro etnográfico e sua dimensão relacional antropológica (Viveiros de Castro, 2002), observámos e apreciámos, por várias horas e em diferentes momentos, as densas narrativas e atividades docentes que singularizam esta investigação (Vieira, R. e Vieira, A., 2018; Vieira, A. e Vieira, R., 2017b), assim como suas teias de significados dinâmicas (Geertz, 2001), que as contextualizam e retroalimentam.

Nas entrevistas etnobiográficas (Vieira, 1999, 2009, 2013, 2014), em profundidade, assim como nas conversas quotidianas, permeadas pela leveza da pausa para um café ou para acolher alguma visita – alunos, ex-alunos, pais de alunos e moradores do Paty que queriam apenas dar um «olá» carinhoso ou buscar aconselhamentos – produzimos com a professora Brasília os principais registros sistematizados da sua etnobiografia formacional (Vieira, 1999). Sobre este tipo de perspectiva investigativa que desenvolvemos, Ricardo Vieira, em diálogo com Jean Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999), argumenta que

[...] na orientação etnobiográfica, a história de vida é o ponto de partida para a compreensão do sujeito, a partir de uma análise extensiva a todas as dimensões da sua existência: A etnobiografia é uma biografia sociocultural do ser colectivo [...]. Mais do que conhecer apenas a vida individual do informante, a etnobiografia ambiciona a compreensão do conhecimento que esse tem acerca dos modos culturais de funcionamento que o envolvem (2013, p. 117).

Nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação, um território que já foi parte do município de São Francisco do Conde, Brasília Maria do Amaral

Teixeira, em 28 de junho de 1958, uma mulher negra. Seu pai, José Octacílio Teixeira, trabalhou até a sua aposentadoria na Usina Passagem, localizada no contexto rural do município de Santo Amaro, na época. Um dos seus tios era o administrador da usina e sua mãe, Raquildes do Amaral Teixeira, era a responsável por um pequeno comércio, também na usina.

O seu Ensino Médio foi concluído no Colégio Teodoro Sampaio, onde cursou os três anos de magistério. A professora Brasília salientou, no seu relato, a sua dúvida sobre qual curso técnico faria no «ensino médio». Segundo esta, a escolha pelo magistério foi ponderada mediante um conselho do seu pai, que disse: «– Se matricule no magistério para professora. Professora é que é a formatura de pobre! É uma formatura muito bonita!» (Professora Brasília, 11/09/2019). Enfaticamente, professora Brasília, emocionada, afirmou: «Não esqueço disso!» (Professora Brasília, 11/09/2019). Ainda sobre os conselhos do seu pai, lembra que este avaliava o curso para professora como uma formação bonita e que ela deveria fazer o magistério, porém dizia que, caso não se identificasse com o curso, poderia escolher outra profissão na universidade.

Sobre o seu processo formativo no magistério, destaca a condição fundante experiencial aprendente no estágio, nos seus momentos de observação e prática pedagógica. Tais vivências eram dinamizadas em várias escolas da cidade e, segundo Brasília, foram nestas experimentações formacionais que as suas implicações com o campo educacional foram despertadas. Nestes processos experimentais de aprendizagem e formação, a então jovem professora Brasília foi-se identificando com a profissão docente e percebendo a sua empatia com as crianças, algo que ainda hoje lhe é tão marcadamente singular, de acordo com a avaliação dos seus alunos e colegas. E assim narrou: «Eu gostei dos alunos e os alunos gostaram de mim! Assim eu fiquei». (Professora Brasília, 11/09/2019). Tal postura empática a florada ainda na sua juventude é uma característica fundamental para professores, qualificando de maneira diferencial o seu trabalho de mediação pedagógica.

Sendo membro de uma família negra do Recôncavo, extensa e relativamente humilde, durante os seus estudos no Ensino Médio e no magistério, a professora Brasília também foi manicure nos finais de semana e, ainda, trabalhava numa floricultura nos turnos livres do decorrer da semana. Ao lembrar estas suas atividades extraestudantis como manicure e florista (trabalhava com arranjos e plantas naturais e artesanais), salientou com muito afeto que com estas custeou presentes para os seus alunos e funcionários da escola, ao final do estágio.

Vale ressaltar, sobre este passado da professora como florista e manicure, uma identidade em gerúndio (Vieira, 2009), que observamos nas suas atividades na Escola São Roque, durante a pesquisa de campo, a destreza e gosto da

mesma pelos trabalhos artesanais e todo o tipo de atividades manuais, lúdicas, sensíveis, algo que, pelo visto, foi cultivado ainda na sua juventude. Em sua sala quase sempre notávamos objetos artesanais sendo produzidos por si, incorporando princípios fundamentais de sustentabilidade (Vieira, A. e Vieira, R., 2018). Tais singularidades formativas destas suas outras experiências também estão expressas nas atividades educativas com os seus alunos, pois valoriza nestas a arte nas suas diversas expressões materiais e imateriais. Assim, nas salas de aula e demais ambientes da Escola São Roque (Vieira, R. e Vieira, A., 2018), elementos artesanais, musicais, lúdicos e plantas estão presentes em vários ambientes, especialmente aqueles relacionados à cultura e à singularidade ecológica do território da Ilha do Paty.

O sensível, o lúdico, assim como a interculturalidade são mediadores fundantes das práticas pedagógicas da professora Brasília, não só nas suas relações com os alunos, mas também com toda a comunidade do Paty. Pais, mães, avós dos alunos e outros membros da aldeia de pescadores estão envolvidos com atividades da Escola São Roque. Tais presenças que singularizam as relações comunidade/escola foram estimuladas pelas ações de acolhimento e parcerias promovidas pela professora Brasília através de relações mutualistas e de corresponsabilidade, assim como de valorização da cultura local e das suas identidades e relações étnico-raciais (Vieira, R. e Vieira A., 2017). Escutámos em vários momentos a professora Brasília afirmar para as crianças e para os seus pais que a escola era deles, que a Escola São Roque era da sua comunidade. E tais afirmações, tais palavras, se configuram realmente em presenças, presenças pulsantes.

A Escola São Roque transborda a vivacidade da Ilha do Paty, representada por elementos artesanais, musicais, culinários, materiais sustentáveis, elementos naturais e a própria presença dos moradores, por exemplo, como «amigos da escola», como muitos se apresentaram para nós. Observamos estes cuidando da horta, do jardim, participando das apresentações festivas das crianças – mesmo quando não eram os seus filhos ou netos – doando iguarias culinárias locais para recepções, fazendo oficinas de música e artesanato com as crianças, ou mesmo ajudando a limpar a escola depois de algum evento comunitário, pois a escola se tornou o coração do Paty, com as mediações e intervenções interculturais promovidas pela professora Brasília, permeadas pela sua «generosidade». Gostaríamos de frisar que a palavra «generosa» foi a mais recorrente nas entrevistas com alunos, ex-alunos e moradores do Paty para definir a professora Brasília.

Voltando aos marcos formativos da história de vida da professora Brasília, após concluir a sua formatura no magistério, em 20 de dezembro de 1980, a mesma fez um curso voltado para alfabetização em zonas rurais, vinculado ao Programa Nacional de Ações Socioeducativas e Culturais para o Meio Rural –

PRONASEC, e teve a sua primeira oportunidade de emprego no campo educacional. Segundo esta, a Secretária de Educação Municipal de São Francisco do Conde, a professora Célia Araújo, solicitou que todos os seus dados fossem registrados e informou, de acordo com a narrativa da professora Brasília:

Brasília, só tem dois lugares que têm vagas, que são Santo Estevão e a Ilha do Paty. Não sei qual você vai escolher. Agora eu vou logo lhe avisar. A Ilha do Paty é uma ilha pequena, não tem energia, não tem água, só tem simplesmente a escola. Agora a comunidade é boa. Não sei se você vai se adaptar. (Professora Brasília, 11/09/2019).

Assim a professora Brasília escolheu o Paty e iniciou as suas atividades na Escola São Roque, sendo acolhida pelos seus tios Nelson de Amorim e Nenzinha numa casinha que fica ao lado da escola, onde mora durante a semana até hoje.

Relembrando a sua chegada a Paty, num domingo, narrou que neste dia estava acontecendo uma «Esmola Cantada de São Roque», que angariava fundos para a festa do santo católico que lhe nomeava. E a professora recém-chegada foi acompanhar a «Esmola», um costume cultural local em que devotos de São Roque passavam de porta em porta cantando e pedindo doações. Para a sua tia Nenzinha, moradora do Paty, este seria um bom momento comunitário para a sobrinha conhecer os habitantes do Paty e a própria ilha.

«Neste dia mesmo, domingo [...], eu me lembro como hoje! Aqui no Paty tinha uma Esmola Cantada de São Roque. Que eles faziam esta esmola de porta em porta. [...] Aí eu fui acompanhando a esmola de porta em porta, eu e minha mãe. Quando eu cheguei [...] eu tinha 21 anos. 21 para 22, eu acho. Aí eu era magrinha, bem magrinha!» (Professora Brasília, 11/09/2019). De acordo com a professora Brasília, nas suas lembranças, todos comentavam como aquela menina franzina, de apenas 21 anos, iria conseguir educar tantas crianças. Assim, duvidavam e falavam: «Meu Deus! [...] Essa menina! [...]. Esta menina vai aguentar estes meninos?» (Professora Brasília, 11/09/2019).

No dia seguinte, na segunda-feira, a professora Brasília começou as suas atividades na Escola São Roque. Logo pela manhã os pais começaram a chegar para matricular as crianças. A professora novata organizou as turmas e levou a documentação destas para a Secretaria de Educação da cidade de São Francisco do Conde. Assim, narrando estes momentos iniciais da sua carreira docente na Ilha do Paty foi, também, avaliando e descrevendo as dificuldades destes primeiros anos, como a estrutura precária da escola, a quantidade incipiente de funcionários da mesma, a não existência de energia elétrica e de água encanada. A professora Brasília salienta que preparava as atividades dos alunos à mão, com a ilumi-

nação do «Zé Gás», um tipo de lamparina, candeeiro movido a gás. A professora conta ainda que era apenas ela e uma outra funcionária da escola que constituíam o corpo de trabalho da instituição.

O tempo foi passando e com as mediações culturais, étnico-raciais, sociais, políticas e pedagógicas da professora Brasília, em um trabalho conjunto com a comunidade do Paty, a energia elétrica chegou, assim como a água encanada, e todos foram se acostumando ao trabalho da professora e gostando deste. Assim, os moradores do Paty brincavam com a jovem, em tom avaliativo, segundo os seus relatos: «Ela era magrinha, mas deu conta dos alunos!» (Professora Brasília, 12/09/2019).

Sobre os seus processos de aprendizagem como docente, mediações interculturais, relações étnico-raciais e adaptações aos costumes (Vieira, A. e Vieira, R. (2017a) da Ilha do Paty e ao trabalho na Escola São Roque, a educadora salientou como foi importante participar das experiências e atividades comunitárias, como: as missas, as quermesses, os leilões, as festas e o próprio cotidiano dos moradores da Ilha, mesmo que de forma mais reservada na sua chegada, como ressaltou. Demonstrando uma atitude de abertura relativista para uma aprendizagem intercultural (Vieira, 2011) e valorizando quase que intuitivamente uma «educação da atenção» (Ingold, 2015), percebendo sensivelmente a necessidade de uma formação ampliada, ecológica (Ingold, 2015), não apenas como docente da escola, a professora Brasília, ao visitar tais lembranças e fatos da sua história de vida, avalia reflexivamente que foram fundamentais tais vivências:

Para eu aprender e me adaptar a eles também! E foi isto que me ajudou bastante. Me adaptei à maneira deles. [...] Aí comecei a gostar da comunidade. Comecei a gostar dos alunos. Trato eles como se fossem os meus filhos. Aí me apeguei! Agora estou aqui até hoje! (Professora Brasília, 12/09/2019).

Entre idas e vindas, ao ritmo da maré, indo do continente à ilha, da ilha ao continente, em uma pequena canoa, «sempre conduzida por seu Mano<sup>65</sup>» (Professora Brasília, 12/09/2019), a garota de hábitos urbanos, que nunca morou longe dos pais, que não sabia nadar e que não aprendeu até hoje, seguiu a sua vida como professora na Ilha do Paty, consolidando a sua carreira docente e qualificando esta com experiências cotidianas, na escola, na sua comunidade e com formações disponibilizadas pela prefeitura «[...] os cursos. Sempre tomando muitos cursos. A prefeitura proporcionava muitos cursos e capacitações.» (Professora Brasília, 11/09/2019).

---

<sup>(65)</sup> Um dos mais antigos canoieiros locais.

Sempre motivados e intrigados em compreender esta história de sucesso e de referência educacional, quando questionamos a professora Brasília sobre as origens das suas implicações diferenciadas com a educação, a docente lembrou de um momento fulcral do seu início de carreira, que lhe proporcionou muita indignação, mas que, de certa forma, também lhe orientou sobre qual tipo de professora ela não gostaria de ser. Escutámos a narrativa sempre emotiva e impactante deste episódio em algumas ocasiões. Esta envolvia a situação em que a docente anterior a sua entrada na Escola São Roque lhe entregou o cargo na Ilha do Paty. Assim, a professora Brasília discorreu sobre esta experiência triste, **mas** que foi singular para a sua qualificação como docente:

A professora que me entregou o cargo, ela veio e abriu os armários para pegar os materiais dela para levar, aí ela disse: – Olha Zila<sup>66</sup>, não se preocupe com estudo não. Que os daqui ficam aqui mesmo. Ficam na maré. Não vão para lugar nenhum. Eles estudam, mas permanecem aqui mesmo. As meninas vão se acabar aí mesmo, na maré. (Professora Brasília, 11/09/2019).

Nesta declaração a antiga professora da Ilha do Paty demonstrou, de certa maneira, assim como em muitas das suas condutas inadequadas, narradas pela professora Brasília, que não acreditava no potencial formacional dos seus alunos e transformador da própria educação. Vale pontuar que esta professora não era nativa da Ilha do Paty e neste sentido podemos questionar até que ponto a mesma compreendia as suas dinâmicas culturais, identitárias, étnico-raciais etc. (Vieira, R. e Vieira, A., 2016).

Sempre narrado pela professora Brasília, o episódio citado acima marcou brutalmente o começo da sua carreira profissional, constituindo-se como um incidente crítico formativo (Vieira, 1999). Exemplifica bem como as nossas experiências ao longo da vida também nos formam, até mesmo aquelas que não seriam avaliadas como qualificadas, como formativas, a princípio, pelo seu caráter negativo (Vieira, 2013; Vieira, Margarido e Marques, 2013). Experiências estas para as quais muitas vezes não estamos preparados, ou mesmo ainda não temos a maturidade necessária para as compreender, quando jovens. Porém, felizmente para os alunos da professora Brasília, para a Escola São Roque e para os moradores da Ilha do Paty, mesmo que ainda muito menina e sem vivências profissionais, mas com sensibilidade e reflexividade apuradas, a docente aproveitou esta situação a favor da sua formação transformando a conduta profissio-

---

<sup>(66)</sup> Apelido da professora Brasília na Ilha do Paty.

nal negativa de uma professora «oblato»<sup>67</sup> (Vieira, 1999, p. 89) em positividade, sua postura de distanciamento em ações de empatia, suas percepções limitadas em autoria formativa, sua reprodução de padrões sociais desiguais em luta por emancipação e liberdade via os atos educativos (Freire, 1992).

Como resultados fecundos destes movimentos a favor da equidade educacional, como direito fundamental daqueles que a desejam, identificamos que depois da chegada da professora Brasília à Ilha do Paty, no decorrer dos seus 38 anos de trabalho ininterruptos, com a sua atividade de mediação diferencial na mobilização educacional e comunitária, muitos jovens negros deste território, contrariando as estatísticas étnico-raciais e padrões socioculturais brasileiros, se formaram em cursos universitários, como: serviço social, psicologia, gastronomia, administração, biblioteconomia e, marcadamente, a maioria fez o curso de pedagogia. Inclusive alguns destes pedagogos trabalharam ou atualmente estão trabalhando na prestigiada Escola São Roque, como a professora Renata de Sant'Anna. Observamos e escutamos relatos afirmando que mesmo os ex-alunos que não seguiram habitando na Ilha do Paty zelam e mantêm laços de afeto com a professora Brasília e a escola.

Gostaríamos de enfatizar que chegámos à professora Brasília, como referência para a nossa pesquisa etnobiográfica, através de diversas narrativas de funcionários e professores da Secretaria de Educação da cidade de São Francisco do Conde sobre o seu trabalho diferenciado na Escola São Roque. Nos índices do município e do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), a escola que a professora Brasília ensina e dirige têm avaliações de destaque e, como descrevemos acima, jovens da sua humilde comunidade têm concluído os seus estudos da educação básica e conseguido cursar uma formação universitária. Gostaríamos de salientar, também, que a professora Brasília recebeu ao longo dos seus anos de trabalho como docente muitos prêmios e homenagens pela qualidade e dedicação ao mesmo. Porém, ao iniciarmos a pesquisa identificamos que a docente não tem a graduação em Pedagogia, em contraste com a formação de muitas diretoras, coordenadoras e professoras das escolas municipais de São Francisco do Conde, que são Especialistas e mesmo Mestres em Educação, além de terem a graduação em pedagogia. Tal condição

---

(67) Para Ricardo Vieira o indivíduo, o professor «[...] oblato, um resultado possível da trans-fusão cultural, correspondente justamente aos indivíduos que adquirem essa nova roupagem educacional, cultural, quando acedem a um grupo social e deixam outro, cujos valores passam a rejeitar. Trata-se do indivíduo que é oferecido ou se oferece a outra cultura, para nela se educar, reeducar ou aculturar e para dela viver, apagando, em consequência, ou pelo menos escondendo e ignorando ao nível do explícito, a cultura de origem.» (1999, p.89).

formativa da professora Brasília nos motivou ainda mais a entendermos por que esta senhora, o seu trabalho e a escola que dirige são referências para educadores e todo um município, tendo cursado apenas o magistério, no Ensino Médio, há 38 anos.

Buscando compreender a itinerância desta construção formacional docente, o seu estilo cognitivo, a singularidade da sua “mente cultural” (Iturra citado em Vieira, 1999, p.77), no decorrer das entrevistas etnobiográficas, assim como na pesquisa de campo, acompanhamos o cotidiano da Escola São Roque e as suas práticas pedagógicas e escutamos a professora Brasília descrevendo diversos exemplos do seu processo formacional destacando, especialmente, em um exercício relativista e de autorreflexão, aprendizagens mutualistas e experienciais, de acolhimento de heterogeneidades, de diferenças étnico-raciais na escola, na Ilha do Paty, mediadas de forma interacional (Vieira, A. e Vieira, R.,2016a).

Para compreender o percurso educacional e profissional bem-sucedido da professora Brasília, entendemos, assim como Ricardo Vieira (1999), que as singularidades formacionais podem assentar mais nos percursos de vida dos indivíduos do que apenas nos contextos específicos da sua educação institucional e acadêmica. Acreditamos nas composições processuais destas e de outras experiências, relações corriqueiras, quotidianas, idiossincráticas, até mesmo inesperadas, que podem ter potencial formativo e que nos acometem no decorrer dos nossos caminhos pessoais, histórias de vida. Tal hipótese é reforçada na itinerância biográfica da professora Brasília, que é uma referência para muitos educadores, dirige uma escola de qualificação destacada, mesmo em uma localidade economicamente desfavorecida, mas que não possui nenhum diploma de graduação ou mesmo qualquer formação inicial universitária.

No sentido de uma formação docente diferenciada, mais sensível às diferenças e empática, como a da professora Brasília, Vieira (1999) argumenta:

[...] Parecem-me resultar de construções sociais várias resultantes de todo o percurso biográfico. Parte-se do princípio que ser professor é exercer uma atividade não só cognitiva, do ponto de vista intelectual que tem que manipular e reproduzir conhecimentos, mas também a dum bom técnico de relações humanas, que tem que ser empático para comunicar e levar a aprender o que quer ensinar. Assim, quando enveredo pelo estudo de histórias de vida de professores, a intenção não é tanto de procurar quem lhes ensinou o *métier*, mas mais de perceber o contexto e o processo da aprendizagem da sensibilidade, dos valores e dessa técnica de conseguir entrar no mundo do outro, quer seja o aluno, pai, a mãe ou outros, para assim conseguir agir significativamente para eles e ser um agente intercultural (1999, p. 25).

Sobre tal habilidade com as relações humanas, desde as primeiras vivências no Paty, a professora Brasília demonstrou sempre uma abertura sensível para o diálogo intercultural e a heterogeneidade própria da condição humana, pois, como analisamos anteriormente, já no seu primeiro dia na Ilha do Paty participou do importante evento comunitário a «Esmola Cantada de São Roque». Compreendemos que talvez este acontecimento, assim como a sua atitude de acolhimento cultural e empatia comunitárias, tenha orientado, também, a sua conduta ao longo de toda sua carreira docente. Por exemplo, ao nos receber na Ilha do Paty para a pesquisa de campo nos introduziu ao contexto com esta mesma postura ritual de acolhimento. Percorremos toda a localidade e de casa em casa a professora Brasília foi nos apresentando a todos os seus moradores e lideranças, como uma reverência para «pedir licença»<sup>68</sup> e assim poder nos introduzir no cotidiano da ilha.

A professora Brasília a todo o momento nos afirmava com entusiasmo como aprendia com os seus alunos ao lhes ensinar e como aprendia com a comunidade do Paty e os acontecimentos do cotidiano. Desta perspectiva inversa, entendemos com a professora Brasília como é possível aprender muito e qualificar a formação docente com aqueles que os professores acham que devem, muitas vezes, apenas ensinar. Assim, nesta contextualização educativa, interpretamos que, para compreender na investigação a diferença formacional da professora Brasília, deveríamos escutar, também, os seus alunos e ex-alunos, fazendo nesta intenção uma espécie de movimento de compreensão epistemológico inverso, assim como dialético. Nas narrativas reflexivas destes identificamos algumas características fulcrais do trabalho educativo da professora Brasília, além da sua aptidão como mediadora sociopedagógica, intercultural (Vieira, A. e Vieira, R., 2017a), a empatia com os alunos e a comunidade, que já enfatizamos no decorrer do texto; o reconhecimento de diversas identidades étnico-raciais, culturais, epistemologias e a valorização destas, como as das crianças; o prazer na relação com as diferenças e os seus desafios; a paciência singular para compreender os diversos tempos de aprendizagem, estimulando, ao mesmo tempo, as aprendizagens mais curiosas e aceleradas; o uso de estratégias didáticas inovadoras e criatividade, mas, também, reconhecendo as possibilidades formativas de técnicas de alfabetização mais tradicionais, de forma dialética; a alegria demonstrada ao proporcionar autoria e autorização aos pequenos; a valorização de uma pedagogia da convivência, aprendendo com estes; o acolhimento de referências contextuais que são fulcrais, como música (como o samba de roda, música marcante de comunidades negras do Recôncavo Baiano), culinária (comidas singulares do

---

(68) Prática própria da ética da boa educação da cultura nordestina e brasileira.

Recôncavo, representativas de processos identitários e culturas negras, presentes, por exemplo, no candomblé, uma religião de matriz afro-brasileira), trabalhos tradicionais (pesca, mariscagem), artesanatos (trabalhos com canoas, redes, búzios, conchas, palha de coqueiros), etc., o entendimento da Ilha do Paty como um território educacional, formativo; a compreensão da escola como um bem valioso pertencente aos alunos e à comunidade; o entusiasmo com a beleza do processo formativo, nas suas grandes e pequeninas conquistas; a crença no trabalho que faz; a utilização da traição fecunda e dos «atos de currículo»<sup>69</sup> (Macedo, 2014), como currículo em ato formacional emancipacionista; e a sua generosidade para com o outro, tão marcada e expressada nas falas dos alunos e da comunidade do Paty sobre ela.

Sempre pensando em valorizar as «riquezas da localidade, a sua gente e cultura» (Professora Brasília, 11/09/2019), identificamos um exemplo belíssimo do trabalho do sociopedagógico para a convivência (Vieira, A. e Vieira, R., 2017a), da professora Brasília, que foi a mobilização comunitária que a mesma mediou para a retomada de uma antiga manifestação cultural étnico-racial da Ilha do Paty, chamada «Paparutas». Para compor uma festividade importante da Escola São Roque a docente foi em busca de uma expressão cultural singular da Ilha da Paty, mas, com dificuldades para identificar, iniciou um trabalho de pesquisa com os moradores mais antigos da comunidade e muitos destes lembraram de uma comédia musical de mulheres. «Paparutas» era como as mulheres negras vendedoras de iguarias culinárias da Ilha do Paty se autodenominavam. Estas marisqueiras apresentavam, descreviam e vendiam as suas comidas cantando nesta manifestação cultural. O ato central da comédia era em formato de Samba de Roda<sup>70</sup>, em que as mulheres dançavam e cantavam com roupas rodadas de chita florida, com os tachos de comidas nas cabeças, em movimentos musicados, em círculo. Esta é uma performance muito representativa da comunhão e da mobilização comunitária das mulheres negras da Ilha do Paty e, atualmente, está incorporada aos aprendizados referencias e mutualistas dos alunos da Escola São Roque sobre a sua cultura, identidade étnico-racial e história.

---

<sup>(69)</sup> A noção de «atos de currículo» «(...)vem potencializar o caráter construcionista e relacional deste dispositivo de formação socialmente construído. Ademais, a perspectiva aqui projetada concebe como atores/autores curriculares todos aqueles implicados em suas ações e tessituras, entretecidas na experiência formativa, ou seja, planejadores, professores, gestores, alunos, funcionários, pais, família, comunidade, movimentos sociais, etc.» (Macedo, 2014, p. 107-108)

<sup>(70)</sup> O samba de roda é uma manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, presente em todo o estado da Bahia, mas muito particularmente na região do Recôncavo. (...) A disposição dos participantes em círculo ou formato aproximado, (...) com instrumentos musicais membranofones – caracteristicamente, o pandeiro<sup>1</sup>; idiofones – caracteristicamente, o prato-e-faca; e cordofones – caracteristicamente, a viola. Os tocadores ficam juntos fazendo parte do círculo.

Por toda a Escola São Roque observamos desenhos das crianças com representações ressaltando as Paparutas em suas roupas coloridas e sendo os tons das suas peles negras expressas nestes desenhos, onde os fenótipos das suas mães, tias, avós representam, efetivamente, os seus próprios fenótipos negros e suas expressões culturais de uma perspectiva valorada.

Neste sentido de equidade étnico-racial e valorização da estética da negritude, inspirada pelas Papaduras, a Professora Brasília criou para meninas e meninos os «Cantinhos da Beleza» na entrada das salas de aula. Em tais *lócus* as crianças podem se observar em espelhos, onde diversos adereços locais, pentes, produtos de maquiagem são disponibilizados para todos. Nestes pequenos nichos de acolhimento, as crianças se olham, se contrastam e se admiram nas suas diferenças, nas cores das suas peles, na textura dos seus cabelos, notando a composição de seus corpos como únicos e sacros nas suas diferenças.

#### 4. CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Mesmo sem recursos financeiros para cursar a graduação universitária em pedagogia, a jovem Brasília tornou-se a respeitada professora Brasília, Diretora da Escola São Roque, bem como líder singular da comunidade negra tradicional da Ilha do Paty. Após compartilharmos suas atividades docentes quotidianas, tivemos a condição de compreender a itinerância docente da professora Brasília como uma «trânsfuga intercultural»<sup>71</sup> (Vieira, 1999, p. 90). Habilidade mediadora intercultural (Vieira, R. e Vieira, A., 2016), a mesma conseguiu estabelecer diálogos, conexões e laços afetivos entre a sua cultura pessoal, mestiça de todos os contextos que atravessou na sua trajetória de vida (Vieira, 2014), e a cultura da Ilha do Paty, compreendendo suas relações e processos identitários étnico-raciais, com posturas e atitudes interculturais, de empatia e respeito à heterogeneidade local e às diferenças como condição humana.

Compreendemos ainda que a Professora Brasília exercita, do nosso ponto de vista, uma «pedagogia da convivência» (Jares citado em Peres, 2016, p. 63), abraçando a sua «comunidade educativa» (Peres, 2016, p. 61). Valorizando referências e experiências mutualistas, apreendemos como as práticas formacionais da professora Brasília se aproximam do que Paulo Freire nomeou de «pedagogia

---

Os presentes participam do acompanhamento musical com palmas, segundo certos padrões rítmicos. (IPHAN, 2004, p. 23)

<sup>(71)</sup> «O indivíduo recebe o novo, mas não rejeita o velho. Incorpora no seu universo pessoal a aquisição cultural que dá uma nova dimensão à cultura de origem, mas que não a aniquila nem a substitui.» (Vieira, 1999, p. 90)

da esperança» (1992), entendendo a esperança e a educação como necessidades ontológicas, como imperativos existenciais históricos. Assim, nos inspirando no sentido de «esperançar» paulofreireano (Freire, 1992), ouvimos a seguinte frase da menina Beatriz, de apenas 6 anos, frase esta que demonstrou de forma fulcral o potencial emancipador do trabalho diferencial desta professora: «Quando Zila ensina, vejo a esperança nos olhos dela.» (Beatriz, 14/09/2019)

Narrativas de histórias de vida, como a da educadora que colaborou com esta investigação, são projetivas (Vieira, 2009) pois proporcionam não só conhecimento, mas, também, viabilizam esperanças, esperanças no trabalho educativo, esperanças na solidariedade e na comunhão humana, quando ações qualificadas. E como Bruner (citado em Geertz, 2001, p. 172-172) enfatiza, narrar dá sentido aos mundos e compreendemos que narrar histórias formativas, como a da professora Brasília, qualificará vidas nestes mundos, pois acreditamos que tal investigação colabora com a confraternização humana via os atos educativos. Crescer entre as narrativas, entre as histórias que compõem culturas, dentro e fora dos contextos escolares, ouvir histórias sobre experiências e referências é essencial em processos educacionais, formacionais, pois os humanos configuram as suas vidas e dão sentido aos seus mundos narrando histórias sobre estes, utilizando estas histórias, contos, mitos para constituir as suas realidades (Vieira, A. e Vieira, R., 2017b; Vieira, 2014). Assim, as histórias contadas por nossos professores, avós, pais, vizinhos ou outros sujeitos culturais mais experientes, por exemplo, como as histórias formacionais narradas pela professora Brasília, são «[...] instrumentos da mente em prol da criação do sentido» (Bruner, citado em Geertz, 2001, p. 172-172).

Entendendo a potência formativa das narrativas etnobiográficas docentes, as compreensões empíricas e conceituais da pesquisa em pauta foram referenciadas e adensadas pelas experiências proporcionadas pela investigação com a professora Brasília, uma referencial mediadora intercultural (Vieira, R. e Vieira, A., 2016). Nesta vivência, analisamos com mais densidade, com a impregnação do processo formacional em pesquisa, o que é ser uma mediadora educacional, intercultural. Tal ofício implica «[...] dar ânimo e vontade de querer ser, fazer, ser ele mesmo, em constante transformação das suas capacidades e competências e reconstrução do seu *self* sempre inacabado.» (Vieira, A. e Vieira, R., 2016a, p. 20). Com este ânimo, generosidade e esperança na capacidade (trans)formadora da educação e da autonomia do outro (Vieira, A. e Vieira, R., 2016b) se configuraram as experiências formacionais inspiradoras, o trabalho docente valoroso e a história de vida da professora Brasília, uma mulher negra e forte, contrariando uma sociedade racista. É neste sentido que a mesma reflete sobre o diferencial do seu trabalho de formação:

Em primeiro lugar é preciso amor. A gente tem que ter amor por eles (as crianças), gostar. Gostar daquilo que faz. Me entrego de corpo e alma. Quero ver eles (as crianças, a comunidade) crescerem. Tenho que mostrar que eles podem crescer. Na escola, na comunidade... eu aprendo com eles e eles aprendem comigo. [...] Fazer uma criança ler e escrever é a maior felicidade que eu tenho! Isto é muito bonito! Pegar uma criança no escuro e levar a claridade para a vida dela. É tão bom. Eu acho lindo! (Professora Brasília, 04/07/2019)

Como explicitámos ao longo deste texto e observámos nas declarações da professora Brasília, entendemos que a investigação que mobilizou este artigo trata sobre uma educadora negra que está comprometida efetivamente com formações emancipadoras e equidades étnico-raciais, uma educação antirracista, mediando aprendizagens significativas, sensíveis e relacionais, bem como inspiradas em uma pujante cultura local. Do reconhecimento das diferenças nos âmbitos educacionais, emergem aqui liberdades formacionais afirmativas, revitalizadoras, criativas, assim como autorizações, autorias e autonomias sonhadoras para coletividades negras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, F. (2000). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comeford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- FREIRE, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GEERTZ, C. (2001). *Nova luz sobre a Antropologia*. Tradução de Vera Ribeiro; Revisão técnica, Maria Cláudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- INGOLD, T. (2015). «O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção», *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2004). *Dossiê IPHAN: Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. Brasília: Ministério da Cultura.
- MACEDO, R. (2014). *Atos de currículo formação em ato: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação*. Ilhéus: EDITUS.
- MINISTÉRIO da Educação/Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (2006). *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD.
- PERES, A. N. (2016). Educação intercultural e mediação sociopedagógica. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira, e C. Margarido (Orgs). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, A. e Vieira, R. (2016a). Ser professor: histórias de vida e aprendizagem da interculturalidade. In L. I. Allebrandt e M. B. Maldaner, *Alfabetização numa relação inter-*

- cultural* (pp. 22-30). Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2016b). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans) Formações*. Porto: Profedições. ISBN: 978-972-8562-74-8.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2017a). Mediações Socioculturais em Territórios Educativos. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira e C. Margarido (Orgs). *Concepções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 29-55). Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2017b). Memória, narrativa, interculturalidade e mediação sociopedagógica. In C. Perez, *Experiências e Narrativas em Educação* (pp. 55-77). Rio de Janeiro: EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2018). A complexidade da escola contemporânea e a multiplicidade de papéis do professor / educador. In L. Sangenis; E. Oliveira e H. Carreiro. *Formação de Professores para uma Educação Plural e Democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina* (pp. 283-303). Rio de Janeiro: EDUERJ. ISBN: 978-85-7511-484-1.
- VIEIRA, A. M.; MARQUES, J.C.; GOMES, M. P. e VIEIRA, R. (2018). The inclusion of the other in ourselves: reception and comprehension of refugees in Portugal. In M. Catarci; M. P. Gomes e S. Siqueira (Eds.). *Refugees, Interculturalism and Education* (pp. 90-98). London and New York: Routledge.
- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de vida e identidades. Professores e interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2009). *Identidades Pessoais: Interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Lisboa: Colibri.
- VIEIRA, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2013). Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural. *Pro-Posições* [online], 24(2), 109-123. ISSN 1980-6248. MAIO/ AGO. Retrieved from [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072013000200009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072013000200009&script=sci_abstract&tlng=pt).
- VIEIRA, R. (2014). Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities. In *SAGE Open*, Jan 2014, 4(1), 1-13. DOI: 10.1177/2158244013517241. Online ISSN: 2158-2440. The online version of this article can be found at: <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>.
- VIEIRA, R. e VIEIRA, A. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Medi@ções*, Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 44-56.
- VIEIRA, R. e VIEIRA, A. (2016). Mediações socioculturais: conceitos e contextos. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira e C. Margarido (Orgs.) (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-55). Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1486-2.
- VIEIRA, R. e VIEIRA, A. (2018). Entrando no Interior da Escola: etnografia e entrevistas etnográficas. *Revista Contemporânea de Educação*, 13(26), 3-48.

VIEIRA, R., MARGARIDO, C. E MARQUES, J. (2013). *Partir, Chegar e Voltar: reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal*. Porto: Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1318-6.

VIVEIROS de Castro, E. (2002). O Nativo relativo. *MANA: Estudos de Antropologia Social*, 8(1). Rio de Janeiro, abril. Retrieved from [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci_arttext).